

VIA TEOLÓGICA

Volume 22 – Número 44 – dez / 2021

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

ANÁLISE DA CULTURA MODERNA E O PROCESSO DA CONTEXTUALIZAÇÃO DA MENSAGEM

Me. Leonardo Aparecido Reis Bedani

ANÁLISE DA CULTURA MODERNA E O PROCESSO DA CONTEXTUALIZAÇÃO DA MENSAGEM

Analysis of modern culture and the process of contextualization of
the message

Me. Leonardo Aparecido Reis Bedani¹

¹ Possui Graduação em Engenharia Mecânica pela Unioeste - Universidade Estadual do Paraná e Mestrado em Ministério pela Carolina University / EUA. Trabalha na Igreja Batista Itaipu em Foz do Iguaçu. E-mail: leobedani@hotmail.com.

RESUMO

O presente artigo apresenta a importância de o pregador expositivo conhecer a cultura na qual está inserido para a proclamação de uma mensagem relevante. Também é proposta uma definição de contextualização e são apresentados motivos que a tornam necessária e, até mesmo, inevitável. Além disso, apresenta-se limites para uma contextualização saudável e pautada nas Escrituras. Posteriormente, são propostos princípios que norteiam a leitura do pregador das narrativas culturais de seu espaço e tempo. Visto que existem vários contextos e cosmovisões existentes, faz-se necessário a utilização de ferramentas que possibilitam a análise cultural de pessoas inseridas nos mais diversos ambientes e circunstâncias. Por fim, apresenta-se as narrativas culturais da cosmovisão pós-moderna, que é a mais difundida no contexto atual no Ocidente do Século XXI. Busca-se, através da análise de diferentes bibliografias, apresentar os conceitos básicos dessa cosmovisão e como ela pode afetar o processo da pregação expositiva.

Palavras-chave: Pregação. Cultura. Contextualização.

ABSTRACT

This article presents the importance of the expository preacher know the culture in which he is inserted for the proclamation of a relevant message. A definition of contextualization is also proposed and reasons that make it necessary and even inevitable are presented. In addition, limits are presented to a healthy contextualization based on Scripture. Subsequently, principles are proposed that guide the preacher's reading of the cultural narratives of his space and time. Since there are several existing contexts and worldviews, it is necessary to use tools that allow the cultural analysis of people inserted in the most diverse environments and circumstances.

Finally, it presents the cultural narratives of the post-modern worldview, which is the most widespread in the current context in the West of the 21st century. It seeks, through the analysis of different bibliographies, to present the basic concepts of this worldview and how it can affect the process of expository preaching.

Keywords: Preaching. Culture. Contextualization.

INTRODUÇÃO

A verdadeira pregação deve aplicar o texto à vida de seus ouvintes e não apenas explicá-lo e, para isso, o pregador precisa entender o contexto cultural em que seus ouvintes estão inseridos, pois “o pregador tem duas grandes responsabilidades: com a verdade do texto e com a vida do ouvinte”.² Portanto, é mister para o comunicador cristão compreender, de maneira intencional, a cultura (ou as culturas) para a qual está ministrando.

Deste modo, a pregação pura e genuína da palavra de Deus é imperativa para a saúde de uma igreja. Tanto isto é verdade, que uma das Confissões mais importantes oriundas da Reforma Protestante, a Confissão Belga, diz que as marcas de uma igreja verdadeira são a pregação do evangelho genuíno, a administração correta das ordenanças e o exercício da disciplina eclesiástica. Assim, uma igreja “se orienta segundo a pura palavra de Deus, rejeitando todo o contrário a esta palavra”.³

O estudo do tema da pregação do tipo expositivo também é relevante, pois como Dever e Gilbert afirmam, pode-se confundir pregação expositiva com um estilo específico e, com isso, restringi-la a algo que, por definição, ela não é.⁴ Assim, a definição de pregação expositiva precisa ser revisitada para evitar maus

2 KELLER, Timothy. **Pregação**: comunicando a fé na era do ceticismo. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 2016.

3 CONFISSÃO BELGA, XXIX.

4 DEVER, Mark; GILBERT, Greg. **Pregue**: quando a teologia encontra-se com a prática. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2016, p. 59.

entendidos, auxiliando o leitor a compreender o significado de cada termo empregado.

Busca-se demonstrar as principais narrativas culturais que estão sendo cridas e abraçadas por uma grande parte dos brasileiros, que estão sendo influenciados em alguma medida pela filosofia pós-moderna. Além disso, apresentam-se alguns princípios para pregadores analisarem seus respectivos contextos, visto que a filosofia pós-moderna não é homogênea e cada contexto merece atenção especial.

1. O PREGADOR E O PROCESSO DE COMPREENDER A CULTURA

A prática da pregação expositiva é proposta não apenas como uma opção, mas, sim, como extremamente necessária para atingir os ouvintes na contemporaneidade. Apesar de não ser o único método válido através da Bíblia e da história, pode-se defender sua instrumentalidade como o principal método a ser utilizado para o desenvolvimento e crescimento saudável da igreja e de seus ouvintes.

Newbiggin, falando sobre a importância e a necessidade da contextualização, afirma que:

[...] Os seres humanos só existem como membros de comunidades que compartilham uma língua, os costumes, os modos de organizar a vida econômica e social, os modos de compreender seu mundo e lidar com ele. Se quisermos entender o evangelho, se quisermos recebê-lo como algo que comunica a verdade sobre a verdadeira situação humana, se, como dizemos, quisermos que ele 'faça sentido', ele deve ser comunicado na língua daqueles a quem está sendo comunicado e deve estar revestido de símbolos que sejam significativos para eles.⁵

5 NEWBIGGIN, Lesslie. **O evangelho em uma sociedade pluralista**. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2016, p. 185.

É por isso que, Stott afirma que “um sermão genuíno forma uma ponte sobre o abismo entre o mundo bíblico e o moderno, e deve ser igualmente fundamentado em ambos”.⁶ Apenas defender que a pregação deve ser expositiva ainda não é suficiente, “pois então a pregação não seria nada mais do que a interpretação dos documentos bíblicos e não teria necessariamente preocupação alguma com qualquer aplicação contemporânea”.⁷ Portanto, uma pregação é tanto exposição quanto comunicação⁸ e, conseqüentemente, precisa considerar os ouvintes, pois comunicação “pode ser definida como o processo em que uma informação (formal ou informal) é transmitida, decodificada, interpretada e associada ao universo de quem a recebe”.⁹

Goheen afirma que o estudo da contextualização é urgente e não é apenas “um tema exótico de interesse para missionários interculturais ou estudantes de missão que queiram traduzir e comunicar o evangelho de maneira compreensível em um ambiente estrangeiro”, antes “é um problema missional urgente para a igreja em todos os lugares do mundo”.¹⁰ Desse modo, todo expositor bíblico que deseja ser relevante em sua pregação precisa analisar a relação entre a mensagem do evangelho e a(s) cultura(s) para a qual se está ministrando, mesmo que esteja dentro de seu próprio país. Além disso, a contextualização é uma prática contínua e não apenas algo que se faz de uma vez por todas, pois “a cultura continua a mudar e nenhuma igreja completa a tarefa e alcança a fidelidade total”.¹¹ Ainda em suas palavras:

6 STOTT, John. Eu creio na pregação. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2006, p. 10.

7 STOTT, 2006, p. 143.

8 STOTT, 2006, p. 146.

9 LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e cultura**: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 27.

10 GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje**: a bíblia, a história e as questões contemporâneas. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2019, p. 214.

11 GOHEEN, 2019, p. 229.

A contextualização deve ser preocupação de todas as igrejas – do Ocidente como também de outras partes do mundo. É uma preocupação não apenas com as igrejas não ocidentais mais jovens, mas também com as igrejas mais antigas do Ocidente. Na verdade, talvez seja no Ocidente que o problema seja mais agudo, sofrendo séculos de negligência. [...] o problema do Ocidente é que o evangelho já faz parte da cultura há tanto tempo que é cativo dos ídolos não reconhecidos dessa cultura.¹²

Ainda que esteja falando especificamente de seu contexto norte-americano, a crítica é válida para o contexto brasileiro, pois pouco se discute sobre a contextualização do evangelho dentro do Brasil.

Desse modo, para a compreensão dos conceitos apresentados em uma pregação é essencial a decodificação do que é proclamado e, para isso, o ouvinte utiliza códigos de sua própria identidade, seja ela étnica, social ou grupal.¹³ Por isso, “ao transmitir uma mensagem, mais especificamente a mensagem do evangelho, precisamos pensar nos códigos receptores” que “envolvem a cultura, a língua e o ambiente”.¹⁴ O papel do pregador, portanto, é analisar os códigos dos seus ouvintes e buscar contextualizar a mensagem do evangelho para eles pois, se assim não fizer, a comunicação da verdade bíblica pode sofrer ruídos.

Esse processo é chamado de contextualização, podendo ser definido como a ação de:

[...] oferecer às pessoas *respostas bíblicas* que elas talvez não queiram ouvir de forma nenhuma às perguntas sobre a vida que estão fazendo, na época e no lugar em que se encontram, *numa linguagem e em formas* que compreendam e *por meio de apelos e argumentos* com uma força que elas sejam capazes de sentir, ainda que, no fim

12 GOHEEN, 2019, p. 229 e 232.

13 LIDÓRIO, 2014, p. 28.

14 LIDÓRIO, 2014, p. 28.

de tudo, os rejeitem.¹⁵

A prática da contextualização encontra suas raízes na própria Escritura. Stott afirma que esse ato de contextualizar – que ele define de maneira resumida como “relacionar a mensagem dada com a situação existencial”¹⁶ – é precisamente o que Deus fez ao se revelar por meio de Jesus, sua Palavra viva, e por meio da Bíblia, sua Palavra Escrita. Para ele, Deus “declarou sua Palavra [escrita] por meio de palavras humanas, nos contextos históricos e culturais exatos; não falou em generalidades isentas de cultura” e da mesma forma “sua Palavra eterna se tornou carne em toda a especificidade de um judeu palestiano do século I”. Assim, nessas duas revelações, Deus levou em consideração o lugar onde as pessoas estavam e, conseqüentemente, os pastores de hoje tem a mesma obrigação.¹⁷

Robinson cita o texto de 1 Coríntios 9.22, em que o apóstolo Paulo diz: “Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns”. Paulo adaptou-se e contextualizou-se aos diferentes grupos para os quais ele pregava, e fez isso não apenas no contexto de evangelismo, mas também no contexto de edificação, auxiliando no crescimento dos convertidos.¹⁸

Keller também apresenta alguns exemplos bíblicos. O primeiro exemplo é a apropriação do termo *logos* por João, no prólogo de seu evangelho. Esse era um termo bem conhecido na filosofia grega para indicar que havia um sentido, um propósito e uma ordem na história do mundo. Dessa maneira, João estava tocando nas “aspirações mais profundas” de seus ouvintes gregos, ao mesmo tempo em que as confrontava ao dizer que esse

15 KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 107.

16 STOTT, 2006, p. 145.

17 STOTT, 2006, p. 154.

18 ROBINSON, Haddon. Pregando a cada um em particular: como incomodar as pessoas que estão acomodadas. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig Brian. **A arte e o ofício da pregação bíblica**. Tradução de Valdemar Kroker, Daniel Hubert Kroker e Rebeca Hubert Kroker. São Paulo: Shedd, 2009, p. 136.

logos não era uma “coisa”, e sim uma Pessoa, e especificamente a Pessoa de Jesus Cristo.¹⁹ Outro exemplo é o de Paulo em Atenas, como relatado no capítulo 17 do livro de Atos, em que ele escolhe “pontos de contato” e cita inclusive um autor pagão conhecido de seus ouvintes para pregar o evangelho aos atenienses.²⁰

Entretanto, a contextualização precisa ser saudável. Existe um limite até onde o pregador deve ir. Um dos perigos é o de colocar valores da cultura acima da autoridade da Bíblia, como aconteceu com os teólogos liberais do início do século XX que quiseram adaptar o ensino bíblico à visão de mundo naturalista e cientificista de seu tempo.²¹ Isso também é chamado de sincretismo que é a “rendição completa do evangelho e [a] transformação do cristianismo em uma religião diferente por meio de uma super adaptação a uma cosmovisão destoante”. Assim, o grande desafio é pregar de maneira fiel toda a Escritura a uma determinada cultura, não escolhendo aquilo que deve ser pregado ou não, ou aquilo que deve ser flexibilizado ou não.²²

Por isso é extremamente necessário que um pregador contextualize de maneira saudável. Primeiro, porque há o risco de relativizar o ensino bíblico para não confrontar seus ouvintes e, em segundo lugar, porque a mensagem do evangelho pode não estar sendo verdadeiramente entendida por sua congregação, pois a contextualização exige do pregador um estudo e um conhecimento aprofundado da cultura daqueles que o ouvem e isso moldará o seu vocabulário, expressões emocionais, ilustrações, tempo de pregação e até mesmo a sua maneira de raciocinar, pois certas formas de apelo podem fazer sentido para uma cultura e não fazer sentido para outra.²³

19 KELLER, 2017, p. 119.

20 KELLER, 2017, p. 121.

21 KELLER, 2017, p. 110-111.

22 KELLER, 2017, p. 112.

23 KELLER, 2014, p. 115.

2. OS PRINCÍPIOS PARA A ANÁLISE DE UMA CULTURA

Visto que para a tarefa da contextualização eficaz faz-se necessário o entendimento da cultura para a qual se está pregando o evangelho, princípios para a análise do contexto do pregador são indispensáveis, pois cada pastor está situado em um contexto específico. Por exemplo, um pastor pode estar em uma congregação majoritariamente adulta no interior do Brasil, enquanto outro pode estar ministrando a uma igreja formada basicamente por jovens em um grande centro urbano. Por isso, “os pregadores têm duas exegeses a fazer: do texto bíblico e do texto da cultura, a hermenêutica bíblica e a hermenêutica da cultura”.²⁴

O conceito de cultura pode ser definido como “o modo pela qual as sociedades humanas ordenam sua vida coletiva [...]”.²⁵ Como Kraft detalha:

O termo “cultura” é o rótulo que os antropólogos atribuem aos costumes estruturados e pressuposições de cosmovisão que os povos utilizam para governar sua vida. Cultura (incluindo a cosmovisão) é o modo de vida de um povo, seu planejamento de vida, seu modo de lidar com o ambiente biológico, físico e social. Consiste em pressuposições apreendidas e padronizadas (cosmovisão), em conceitos e comportamentos e na arte resultante (cultura material).²⁶

Assim, segundo Kraft, o termo ‘cultura’ pode ser compreendido de duas formas distintas. A primeira é a cultura “inte-

24 COCCARO, Giuliano Letieri. Pregando num “mar de mudança”: contribuições a partir do conceito de contextualização de Newbiggin. *Fides Reformata XXI*, Nº 2, p. 9-34, 2016, p. 25. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/1-Pregando-num-%E2%80%9Cmar-de-mudan%C3%A7a%E2%80%9D-contribui%C3%A7%C3%B5es-a-partir-do-conceito-de-contextualiza%C3%A7%C3%A3o-de-Newbiggin-Giuliano-Letieri-Coccaro.pdf>>. Acesso em mar. 2021.

25 NEWBIGGIN, 2016, p. 239.

26 KRAFT, Charles H. Cultura, cosmovisão e contextualização. In: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. (edit). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 393.

rior”, ou seja, a cosmovisão. A segunda maneira é a “exterior”, ou seja, a cultura material. Neste trabalho, o termo ‘cultura’ refere-se, em geral, ao primeiro sentido, pois “coração” de toda cultura existente é sua respectiva cosmovisão,²⁷ ou, em outras palavras, “a cultura é, então, uma expressão externa de uma cosmovisão interiorizada”.²⁸

Assim, o termo atinge patamares mais profundos do que normalmente se entende por ‘cultura’. Por exemplo, se a cultura diz respeito, acima de tudo, sobre cosmovisão, pode-se ter uma família na igreja em que o pai e o filho possuem gostos parecidos para vestimenta e comida, entretanto o pai tem uma cosmovisão ainda influenciada pelo modernismo enquanto seu filho adere a pressupostos de uma filosofia mais pós-moderna, ainda que inconscientemente.

Desse modo, exteriormente os dois podem parecer ter as mesmas práticas e gostos (cultura externa), mas interiormente suas maneiras de ver o mundo são diferentes e isso faz com que ambos lidem de maneira distintas com a dor, a perda, a vocação e assim por diante. Portanto, pode-se dizer que há duas culturas distintas dentro da mesma família, visto que há duas cosmovisões distintas.

Entretanto, antes de fazer uma análise da cosmovisão (e, conseqüentemente, da cultura de seu contexto), o pregador precisa reconhecer que ele mesmo é moldado por uma cultura (e cosmovisão).²⁹ E isso traz um risco inerente. Nas palavras de Keller:

Um dos erros mais básicos que os pastores cometem [ao não enxergarem a sua própria aculturação] é regurgitar métodos e programas que os influenciaram pessoalmente. Depois de experimentar o impacto de um ministério em uma parte do mundo, esses pastores pegam os

27 KWAST, Lloyd E. Entendendo o que é cultura. In: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. (edit). **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 387.

28 COCCARO, 2016, p. 17.

29 NEWBIGIN, 2016, p. 185.

programas e métodos do referido ministério e reproduzem tudo em outro lugar sem mudar praticamente nada. Se foram afetados por um ministério cujos sermões expositivos versículo por versículo duram 45 minutos ou que têm um tipo especial de música ou uma ordem e um tempo determinados de culto, eles reproduzem tudo nos mínimos detalhes. Sem perceber, tornam-se guiados por métodos e programações, e não pela teologia. Estão contextualizando sua expressão de ministério para eles mesmos, e não para o público-alvo que desejam alcançar.³⁰

Desse modo, o primeiro princípio para o pregador expositivo colocar em prática é a análise humilde de si, visto que é moldado por certo tipo de cultura, tendo certos tipos de preferências e crendo que certas coisas estão certas e, conseqüentemente, outras estão erradas. E, nesse processo, o comunicador do evangelho precisa deixar-se ser confrontado em suas convicções porque “não há isso de evangelho puro se com isso nos referimos a algo que não está incorporado a uma cultura”,³¹ ou seja, ele precisa reconhecer que sua maneira de compreender o evangelho está moldada por certa cultura e gostos pessoais.

Assim, “um comunicador cristão pode sem dúvida alguma estar errado – na verdade, isso sempre acontece em parte – e, portanto, ele precisa estar sempre disposto a ser corrigido”.³² Conseqüentemente, o proclamador bíblico precisa reconhecer que deve não apenas pregar, mas também ouvir as pessoas para as quais ele está pregando, e verdadeiramente buscar compreender suas dúvidas, objeções, esperanças e aspirações.³³

Por isso, o segundo princípio é que, ao adentrar em certo tipo de cultura, é sugerido ao pastor “se tornar o mais fluente possível na realidade social, linguística e cultural” das pessoas

30 KELLER, 2014, p. 117.

31 NEWBIGIN, 2016, p. 189.

32 KELLER, 2014, p. 121.

33 KELLER, 2014, p. 122.

a quem deseja alcançar.³⁴ E isso não apenas deve ser feito com pessoas “de fora” da igreja, mas também com a própria congregação para que a contextualização seja feita de maneira natural ao se estudar as Escrituras.³⁵ Isso moldará, por exemplo, as aplicações do pastor: uma igreja que tenha maioria de jovens universitários solteiros não se sentirá tão bem alimentada se as aplicações envolverem apenas questões relacionadas a casamento, trabalho e família.

Da mesma maneira, uma igreja com maioria de adultos e idosos achará estranho um pastor que cita muitos elementos da cultura *pop*, como filmes e músicas de sucesso, para embasar o seu sermão, e não faz aplicações pertinentes ao estágio da vida em que se encontram. Entretanto, é mais comum ainda que uma igreja tenha vários desses grupos, pois “um mundo pós-tudo está saturado com múltiplos contextos e pressupostos culturais”.³⁶ É por isso que um pregador deve “estudar a Palavra, mas também precisa estudar o seu povo”.³⁷

O terceiro princípio que pode ser adotado é que o pastor, ao entrar em certos círculos culturais dentro da igreja, precisa encontrar a cosmovisão dominante e, assim, crenças e pressupostos de cada grupo de acordo com a lente da Bíblia, pois cada “cultura deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras”.³⁸ Keller aconselha dividir essas crenças em dois tipos: as do tipo “A”, que são crenças que, pela graça comum de Deus, são próximas do ensino bíblico; e as crenças do tipo “B”, que produzem

34 KELLER, 2014, p. 144.

35 KELLER, 2014, p. 146-147.

36 COCCARO, 2016, p. 10.

37 ELLSWORTH, Roger. *Pregue a Palavra*. In: ASCOL, Thomas K. (compilador). *Amado Timóteo: uma coletânea de cartas ao pastor*. Tradução de Maurício Fonseca dos Santos Junior. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 237.

38 PACTO DE LAUSANNE. **Movimento de Lausanne**: conectando influenciadores e ideias para a missão global. Disponível em: <<https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>><https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>>. Acesso em mar. 2021.

rejeição a certos ensinamentos bíblicos.³⁹

Por exemplo, em muitos contextos o ensino bíblico de amar ao próximo é valorizado, enquanto, a ética cristã para o sexo é rejeitada. Já em outros contextos, a ênfase no amor ao próximo é vista como fraqueza e certos aspectos específicos da masculinidade, especialmente do Antigo Testamento, são bem-aceitos. Assim, o grande desafio é “entrar na cultura com sensibilidade e respeito... [e] desafiar a cultura nos aspectos em que ela contradiz a verdade bíblica [...]”.⁴⁰

Em termos mais abrangentes, perguntas como “Qual é o propósito da vida?”, “Quem somos?”, “Em que tipo de mundo vivemos?”, “O que há de errado com o mundo?”, “Como pode ser consertado?” podem ajudar o pastor a entender a cosmovisão de determinada pessoa.⁴¹ Entretanto, deve-se reconhecer que essas perguntas são extremamente abrangentes e podem não refletir, por si só, as narrativas culturais que podem existir, por exemplo, em grupos distintos dentro da mesma congregação, ainda que todos esses grupos possam responder a essas 4 perguntas de maneiras extremamente parecidas.⁴²

Por exemplo, a maneira de lidar com as emoções podem ser diferentes entre os mais velhos e os mais jovens em uma mesma congregação. A geração mais nova geralmente tende a dar mais importância às emoções enquanto as gerações mais velhas, em geral, podem ser mais impassíveis. Assim, sugere-se ao pastor fazer uma investigação mais precisa das diferentes culturas (e cosmovisões) existentes em sua igreja, pois:

[...] a contextualização do evangelho [...] [n]ão significa apenas modificar o comportamento

39 KELLER, 2014, p. 148.

40 KELLER, 2014, p. 143.

41 GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na interseção entre a visão bíblica e a contemporânea. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 53-54.

42 Ver a crítica de Roland Muller às definições tradicionais de cosmovisão utilizadas no meio eclesial em ROLAND, Muller. **O mensageiro, a mensagem e a comunidade**. Tradução de Marco André Siegal. Atibaia: Pregue a Palavra, 2012, p. 141-148.

das pessoas, mas também a cosmovisão delas. Não significa adaptação superficial – como à música ou à roupa, por exemplo. A cultura afeta cada aspecto da vida humana. Determina como as decisões são tomadas, como as emoções são exprimidas, o que é considerado individual e público, como os indivíduos se relacionam com o grupo, como o poder social é usado e como os relacionamentos, especialmente entre sexos, gerações, classes sociais e raças, são conduzidos. Nossa cultura oferece compreensões distintas sobre tempo, sobre a resolução de conflito, sobre a solução de problema e até mesmo sobre as formas de raciocinar. Todos esses fatores têm de ser considerados quando desejamos realizar o ministério do evangelho.⁴³

Desse modo, pessoas podem fazer parte da chamada “cultura ocidental” ou da “cultura brasileira”, mas terem maneiras diferentes de lidar com o tempo, com as decisões e com as emoções, pois as narrativas culturais a que se apegam são diferentes. Portanto, o comunicador do evangelho pode estudar as maneiras como grupos distintos de membros dentro da sua igreja lidam com o processo de tomar decisões, com as emoções, com a individualidade e coletividade, com seu grupo social, com os mais diversos tipos de relacionamentos, com o tempo, com a maneira de resolver conflitos e problemas e com o modo de pensar. Outras perguntas que podem ajudar são: o que esse grupo específico gosta de fazer? O que estão assistindo? O que estão lendo? O que estão ouvindo? Quais suas preferências políticas?⁴⁴

Assim, esses três princípios podem auxiliar o pastor a cumprir a missão de anunciar o evangelho à sua congregação de uma maneira que possa alcançar o máximo de tipos de ouvintes.

43 KELLER, 2014, p. 109.

44 COCCARO, 2016, p. 25.

3. AS NARRATIVAS CULTURAIS DA PÓS-MODERNIDADE

Narrativas culturais podem ser definidas como “histórias que um povo conta a seu próprio respeito para explicar sua existência compartilhada”. Assim, por exemplo, certas culturas podem enfatizar a procura de riquezas, outras valorizam a liberdade pessoal, enquanto outras valorizam a reputação da família acima de tudo.⁴⁵ Elas são premissas inquestionáveis e de senso comum, que seus defensores pensam ser praticamente universais. Dois exemplos atuais são: “cada um tem a sua opinião” ou “seja, você mesmo”.⁴⁶

Um estudo das narrativas da cosmovisão pós-moderna é útil à medida em que pode auxiliar proclamadores cristãos que buscam ser relevantes na proclamação do evangelho em grande parte do Ocidente no século XXI. Por mais que a cosmovisão moderna ainda possua grande força na atualidade, convivendo lado a lado com a pós-moderna,⁴⁷ esta última tem crescido desde o final do século XX, e com ela tem trazido também movimentos filosóficos como o secularismo, o relativismo e o pluralismo.⁴⁸

Desse modo, um pregador que deseja ser relevante e alcançar pessoas, especialmente mais jovens, precisa conhecer as características que surgem da mistura desses movimentos, tanto para alcançar as pessoas “de fora” quanto para ser relevante aos “de dentro” da sua própria congregação. Como todas as pessoas são seres culturais e são moldados por suas narrativas, elementos da pós-modernidade têm influenciado até mesmo os cristãos. Por exemplo, alguns, influenciados pelo secularismo, podem dizer que creem em Deus, mas, na prática, vivem como

45 KELLER, 2014, p. 108.

46 KELLER, 2017, p. 135.

47 HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**: uma análise antropológica de como as pessoas mudam. Tradução de Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 234.

48 CAMPOS, Héber Carlos de. O pluralismo do pós-modernismo. **Fides Reformata** 2/1, s/p, 1997, s/p. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/1_O_Pluralismo_do_Pos-Modernismo_Heber_Campos.pdf>.

se isso não fizesse diferença em sua maneira de dirigir seus relacionamentos amorosos, vida financeira e como tomar suas decisões de vida.⁴⁹

Entretanto, antes de se apresentar brevemente algumas características do que se chama pós-modernismo, faz-se necessário duas observações quanto ao uso do termo. Em primeiro lugar, tem sido bem conhecido o problema de se definir o termo “pós-modernismo”. Sire diz que o “significado [do termo pós-modernismo] é muitas vezes confuso”.⁵⁰ Hiebert, também, afirma que “não há uma teoria pós-moderna unificada ou mesmo um conjunto coerente de posições”.⁵¹ Portanto, o presente trabalho busca apresentar as principais características desse movimento baseado em bibliografias sobre o assunto, mas que podem ou não, dependendo de determinado autor, ser considerado como constituinte do que ele define como “pós-modernismo”, pois “nem todos os autores concordam com o termo pós-modernidade, haja vista acreditarem em um processo de continuidade entre a modernidade e o tempo contemporâneo, em detrimento de uma perspectiva de ruptura”.⁵²

A segunda observação diz respeito a escolha entre o uso do termo “pós-modernidade” e “modernidade tardia”. Keller diz:

Temos hoje um sem-fim de obras que explicam aos líderes da igreja que eles vivem em uma cultura *pós-moderna*. O perigo desse termo é que ele nos tranquiliza, e, assim, achamos que a cultura atual é o oposto da modernidade. Isso talvez seja verdade em algumas áreas (nas artes plásticas, por exemplo). Estritamente falando, porém, é mais adequado afirmar que vivemos em um clima de *modernidade tardia*, uma vez

49 KELLER, Timothy. **Deus na era secular**: como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo. Tradução de Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 13.

50 SIRE, James W. O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão. Tradução de Marcelo Herberts. Brasília: Monergismo, 2018, p. 256.

51 HIEBERT, 2016, p. 239.

52 REICHOW, Josué Klumb. **Reformai a vossa mente**: a filosofia cristã de Herman Dooyeweerd. Brasília: Monergismo, 2019, p. 38.

que o princípio básico da modernidade era a autonomia e a liberdade individual em detrimento das pretensões da tradição, da religião, da família e da comunidade. Isso é, na verdade, o que vivemos hoje – de modo intensificado.⁵³

Hiebert também afirma que a pós-modernidade “incorpora muitos elementos” da modernidade, “mas lhe atribui novos significados em uma nova configuração”.⁵⁴ Gohen e Bartholomew, também reconhecem essa continuidade entre a pós-modernidade e a modernidade ao dizerem que a pós-modernidade, “embora tenha abandonado boa parte dos conceitos-chave da modernidade, [...] nunca abandonou os instáveis alicerces seculares sobre a qual a modernidade foi construída”.⁵⁵

Leithart segue na mesma direção ao definir pós-modernidade como “um novelo de desenvolvimentos culturais, filosóficos e sociais, advindo de intensificações, inversões e desmascaramentos da modernidade [...]”.⁵⁶ Assim, o presente trabalho adota o termo “pós-modernismo” por ser mais comum do que o termo “modernidade tardia”, e não como um movimento totalmente avesso à modernidade. Isto posto, as características culturais básicas apresentadas aqui foram baseadas principalmente na análise de Keller sobre a cultura ocidental atual, ainda que este autor prefira o termo “modernidade tardia”.

A primeira é a narrativa quanto à racionalidade. Segundo essa perspectiva, as pessoas não precisam de religião, pois “o mundo natural é a única realidade”. A ciência por si mesma é suficiente para melhorar a vida das pessoas e, portanto, a religião é um assunto privado e não deve ser levado à esfera pública.⁵⁷ Isso também, pode ser chamado de racionalidade exclusiva, ou seja, “não deveríamos acreditar em nada, a menos que possamos pro-

53 KELLER, 2014, p. 447.

54 HIEBERT, 2016, p. 234.

55 GOHEEN; BARTHLOMEW, 2016, p. 172.

56 LEITHART, Peter J. **Salomão entre os pós-modernos**. Tradução de Leandro Guimarães Faria Corcete Dutra. Brasília: Monergismo, 2021, p. 59.

57 KELLER, 2017, p. 161-162.

vá-lo de forma conclusiva por meio da observação empírica”.⁵⁸

Assim, tudo que não pode ser comprovado cientificamente é considerado mera opinião ou fruto de sentimentos.⁵⁹ O indivíduo que geralmente está ouvindo o evangelho no contexto do Ocidente atual tem “fé na razão”, acreditando que a ciência e a razão por si mesmas podem tornar o mundo em um lugar melhor.⁶⁰ Dessa maneira, a religião assume um papel secundário, útil apenas enquanto auxilia o indivíduo a ser mais moral.⁶¹

A segunda é a narrativa quanto à história. De acordo com essa visão, a história humana está sempre progredindo. Assim, “basta que algo seja novo para que seja automaticamente melhor” e tudo aquilo que é antigo é rejeitado como obsoleto.⁶² Isso pode ser especialmente verdadeiro com respeito ao Cristianismo ou a qualquer outra religião que se baseie em um livro sagrado antigo.

Por exemplo, muitas pessoas, ao lerem a Bíblia, deparam-se com ensinamentos que parecem apoiar a escravidão e logo a classificam como “retrógrada”, ou seja, sem validade para os dias atuais.⁶³ Isso pode vir de uma má interpretação do texto, mas também “de uma crença irrefletida na superioridade do momento histórico em que vivem em relação a todos os outros”.⁶⁴ Esta perspectiva parece revelar uma “fé no progresso”, ou seja, de que o mundo vai melhorar, de uma forma ou de outra.⁶⁵ Ainda que essa visão tenha sido extremamente abalada após as duas grandes guerras e crescentes problemas no mundo atual, ainda é comum a crença no “mito do progresso”.⁶⁶

58 KELLER, 2018, p. 50.

59 KELLER, 2018, p. 50.

60 GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 172.

61 REICHOW, 2019, p. 28.

62 KELLER, 2017, p. 162.

63 KELLER, 2015, p. 141.

64 KELLER, 2015, p. 143.

65 GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 142.

66 GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 158-9.

Entretanto, por mais que a fé no progresso no sentido econômico e social possa estar decrescendo, ainda resta muito do que Lewis chamava de “esnobismo cronológico”, que ele define como “a aceitação acrítica do ambiente intelectual comum à nossa época e a suposição de que tudo aquilo que ficou desatualizado é por isso mesmo desprezível”.⁶⁷

A terceira narrativa aborda sobre a relação do indivíduo com a sociedade. Segundo este pensamento, o objetivo da ordem social é permitir com que os indivíduos possam viver da maneira como bem entendem, sem qualquer relação com a comunidade, desde que não cerceiem a liberdade de outra pessoa de também viver como bem entende.⁶⁸ Assim, há uma “autodivinização”, em que “somos o centro da existência; portanto, é dever de cada um viver para si mesmo hoje”.⁶⁹

A quarta narrativa diz respeito à moralidade. A filosofia pós-moderna advoga que a moralidade não possui qualquer fundamento absoluto.⁷⁰ Desse modo, é muito comum a ideia de que a moral é uma construção social⁷¹ e, assim, constrói-se aquele jargão de que “cada um tem a sua verdade” e de que “não há absolutos morais”. Por conseguinte, “as noções de certo ou errado dependem do contexto e da opinião de cada um, sem designar nenhum significado universal ou absoluto”.⁷²

A quinta e última narrativa apresentada por Keller é a “narrativa da identidade”.⁷³ Este pensamento diz que a identidade de uma pessoa está firmada somente no seu interior, em seus “desejos e sonhos”, e seguir o jargão “seja você mesmo” a despeito do que a sociedade espera é o que confere valor ao indiví-

67 LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 1998, p. 213.

68 KELLER, 2017, p. 162-163.

69 HIEBERT, 2016, p. 252-253.

70 KELLER, 2017, p. 163.

71 KELLER, 2018, p. 230.

72 MARINHO, Robson Moura. **A arte de pregar: como alcançar o ouvinte pós-moderno**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 53

73 KELLER, 2017, p. 163.

duo.⁷⁴ O pós-moderno abandona sua tradição familiar, religiosa e qualquer outra para que possa determinar quem, de fato, é.⁷⁵ Assim, a sua identidade depende de si mesmo, não sendo “uma substância, nem sequer uma atividade, mas uma construção fluutuante que depende da linguagem por ele [o indivíduo] usada”.⁷⁶

Portanto, essas cinco narrativas culturais moldam muito dos ouvintes localizados no Ocidente no século XXI. Todavia, deve-se reconhecer que nem todos os ouvintes acreditarão em todas as narrativas. Possivelmente grande parte tenha por convicção apenas algumas dentre elas, enquanto outros talvez não acreditem em nenhuma. Entretanto, são as marcas do presente século, principalmente em contextos urbanizados localizados no Ocidente, e refletem a cosmovisão de grande parte dos ouvintes atuais e, por mais que algumas pessoas possam não concordar com elas, provavelmente já lidaram ou terão que lidar com essas questões. Desta maneira, o expositor bíblico precisa ser intencional, buscando com a sabedoria e a ajuda de Deus comunicar as verdades da Escritura de maneira que possa ser fiel e compreensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo não é exaustivo e apresenta lacunas que podem ser desenvolvidas em trabalhos posteriores. Um tema interessante que não foi abordado é a contextualização do estilo da pregação expositiva, como a maneira de se apresentar o texto bíblico, a duração da pregação e até mesmo o vestuário do pregador. São questões importantes que são levadas em consideração quando se fala a respeito de pregação e que podem ser discutidas em como a pós-modernidade pode influenciar, seja para bom ou ruim, estas variáveis no ministério da exposição bíblica.

74 KELLER, 2017, p. 164.

75 KELLER, 2018, p. 158.

76 SIRE, 2018, p. 266.

Ao se estudar de que maneira a pregação expositiva pode ser relevante no presente contexto pós-moderno destacam-se princípios que são gerais e aplicáveis em outras culturas, como o desafio de desafiar as narrativas culturais, de pregar ao coração, de maneira cristocêntrica e com aplicações pertinentes. Entretanto, o escopo deste trabalho é a análise da contextualização destes princípios dentro da cultura pós-moderna e como podem ser desenvolvidos para alcançar ouvintes influenciados por essa cosmovisão. Estes princípios apresentados, então, podem ser usados por quaisquer pregadores cristãos em outros contextos, desde que seja feita uma análise inteligente acerca das mudanças que cada cultura proporciona na aplicação destes princípios.

Além disso, pesquisas também podem ser feitas a respeito de quais doutrinas centrais da fé cristã são especialmente rejeitadas por pessoas influenciadas pelo pós-modernismo e como um expositor bíblico pode anunciá-las com vistas a atingir o coração do ouvinte e como dialogar com a visão pós-moderna a respeito destes temas como, por exemplo, a doutrina do pecado e da exclusividade de Jesus Cristo. Assim, uma pesquisa acerca de como apresentar doutrinas específicas e centrais da fé cristã para ouvintes pós-modernos é extremamente valiosa.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Héber Carlos de. O pluralismo do pós-modernismo. **Fides Reformata** 2/1, s/p, 1997, s/p. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/1_O_Pluralismo_do_Pos-Modernismo_Heber_Campos.pdf>.

COCCARO, Giuliano Letieri. Pregando num “mar de mudança”: contribuições a partir do conceito de contextualização de Newbiggin. **Fides Reformata** XXI, N° 2, p. 9-34, 2016, p. 25. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/1-Pregando-num-%E2%80%9>

9Cmar-de-mudan%C3%A7a%E2%80%9D-contribui%C3%A7%C3%B5es-a-partir-do-conceito-de-contextualiza%C3%A7%C3%A3o-de-Newbigin-Giuliano-Letieri-Coccaro.pdf>. Acesso em mar. 2021.

CONFISSÃO BELGA. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_belga.htm>. Acesso em jan. 2021.

DEVER, Mark; GILBERT, Greg. **Pregue:** quando a teologia encontra-se com a prática. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2016.

ELLSWORTH, Roger. **Pregue a Palavra.** In: ASCOL, Thomas K. (compilador). **Amado Timóteo:** uma coletânea de cartas ao pastor. Tradução de Maurício Fonseca dos Santos Junior. São José dos Campos: Fiel, 2015.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã:** vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje:** a bíblia, a história e as questões contemporâneas. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2019.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões:** uma análise antropológica de como as pessoas mudam. Tradução de Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KELLER, Timothy. **Deus na era secular:** como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo. Tradução de Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada:** desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KELLER, Timothy. **Pregação**: comunicando a fé na era do ceticismo. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KRAFT, Charles H. Cultura, cosmovisão e contextualização. *In*: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. (edit). **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

KWAST, Lloyd E. Entendendo o que é cultura. *In*: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. (edit). **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LEITHART, Peter J. **Salomão entre os pós-modernos**. Tradução de Leandro Guimarães Faria Corcete Dutra. Brasília: Mnergismo, 2021.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e cultura**: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MULLER, Roland. **O mensageiro, a mensagem e a comunidade**. Tradução de Marco André Siegal. Atibaia: Pregue a Palavra, 2012.

NEWBIGIN, Lesslie. **O evangelho em uma sociedade pluralista**. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2016.

PACTO DE LAUSANNE. **Movimento de Lausanne**: conectando influenciadores e ideias para a missão global. Disponível em: <<https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausannehttps://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>>. Acesso em mar. 2021.

REICHOW, Josué Klumb. **Reformai a vossa mente**: a filosofia cristã de Herman Dooyeweerd. Brasília: Monergismo, 2019.

ROBINSON, Haddon. Pregando a cada um em particular: como incomodar as pessoas que estão acomodadas. *In*: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig Brian. **A arte e o ofício da pregação bíblica**. Tradução de Valdemar Kroker, Daniel Hubert Kroker e Rebeca Hubert Kroker. São Paulo: Shedd, 2009.

SIRE, James W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. Tradução de Marcelo Herberts. Brasília: Monergismo, 2018.

STOTT, John. **Eu creio na pregação**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2006.